

Centro de Convivência de Afásicos (CCA): o trabalho com a linguagem em uma perspectiva interdisciplinar

Rosana do Carmo Novaes Pinto
Departamento de Linguística; Instituto de Estudos da Linguagem (IEL)
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)
ronovaes@terra.com.br

Arnaldo Rodrigues de Lima
Mestrado em Linguística; Instituto de Estudos da Linguagem (IEL)
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)
arnaldolimanetto@gmail.com

Riassunto: Questo articolo presenta il lavoro svolto nel CCA, inserito nella Neurolinguistica enunciativo-discorsiva, fondata sugli approcci storici- socioculturali del funzionamento del cervello e del linguaggio. Tra gli oggetti di studio della Neurolinguistica c'è l'afasia, che provoca cambiamenti linguistici derivanti da lesioni cerebrali focali (ictus, tumori e traumatismi craniali). L'attuazione interdisciplinare si fa attraverso l'interazione tra linguisti, logopedisti, educatori ed artisti. Il lavoro si sta dimostrando molto efficiente, presentando "effetti terapeutici", aiutando gli afasici ad affrontare le loro difficoltà di comunicazione e, soprattutto, per migliorare la qualità della loro vita.

Parole-chiavi: *afasia; linguaggio nella patologia; attuazione interdisciplinare*

Resumo: Este artigo apresenta o trabalho desenvolvido no CCA, inserido na Neurolinguística enunciativo-discursiva, fundada na abordagem sócio-histórico-cultural do funcionamento do cérebro e da linguagem. Entre os objetos de estudo da Neurolinguística está a afasia, que provoca alterações linguísticas decorrentes de lesões cerebrais focais (derrames, tumores e traumatismos cranianos). A atuação interdisciplinar se faz pela interação entre linguistas, fonoaudiólogos, educadores e artistas. O trabalho está se mostrando muito eficiente e apresentando "efeitos terapêuticos", ajudando os afásicos a enfrentarem suas dificuldades de comunicação e, sobretudo, para melhorar a qualidade de suas vidas.

Palavras-chave: *afasia; linguagem na patologia; atuação interdisciplinar*

Introdução

Este artigo visa apresentar e divulgar os trabalhos realizados no Centro de Convivência de Afásicos (doravante CCA), abrigado pelo Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), estado de São Paulo, Brasil¹. O trabalho inscreve-se na área de Neurolinguística de orientação enunciativo-discursiva, que vem se desenvolvendo desde os primeiros trabalhos de Coudry (1986/1988), e filia-se às abordagens sócio-histórico-culturais no estudo de questões relativas tanto ao funcionamento cerebral, quanto ao funcionamento da linguagem.

A perspectiva é inspirada, principalmente, pelos trabalhos de autores como Vygotsky, Luria e Bakhtin. Dentre os objetos de estudo desse campo, destacam-se não só alterações de linguagem decorrentes de lesões

cerebrais como afasias, demências e epilepsias, mas também os chamados atrasos de desenvolvimento e de aprendizagem, bem como o funcionamento da linguagem “normal”, isto é, fora do âmbito das patologias.

A atuação inter/multidisciplinar no CCA se dá pela interação entre linguistas, fonoaudiólogos, educadores, artistas (músicos, atores, artistas plásticos etc) e o trabalho tem se mostrado bastante eficiente, apresentando “efeitos terapêuticos” no estado geral – físico e psicossocial – dos afásicos, contribuindo para que eles enfrentem suas dificuldades comunicativas nos mais diversos círculos sociais e, sobretudo, para melhorar a qualidade de suas vidas Novaes-Pinto.(2015).

As atividades desenvolvidas no CCA são voltadas à comunidade externa, mais especificamente para um grupo de sujeitos acometidos por episódios neurológicos (derrames, tumores, etc), cujas sequelas impactam a linguagem, os movimentos e muitas atividades funcionais. Podem, assim, ser considerados como sujeitos que passaram, abruptamente, a fazer parte de *comunidades minoritárias e com necessidades especiais*. Na maioria dos casos, os que nos procuram vêm de famílias de baixa renda. Via de regra, os afásicos são afastados de suas atividades profissionais e sociais, muitas vezes em fases ainda muito produtivas de suas vidas. Todos esses fatores contribuem para que sejam vítimas de preconceitos de todo tipo, sobretudo linguísticos e sociais Novaes-Pinto. (2015). Apesar de não apresentarem, em geral, alterações cognitivas, são vistos como incapazes. A exclusão é gerada pelo preconceito linguístico e pela ignorância acerca do que é a afasia. Além de uma questão de saúde, portanto, a afasia pode/deve ser compreendida como uma questão social Novaes-Pinto (2008).

1) Afasias: Breve definição

Afasias são alterações de linguagem decorrentes de lesões cerebrais focais, como AVCs (derrames), tumores e TCEs (traumas crânio-encefálicos) e, geralmente, comprometem a linguagem em todas as modalidades: *oral* (produção e compreensão) e *escrita* (leitura e produção) e em todos os níveis linguísticos: fonético/fonológico, sintático, semântico-lexical, pragmático-discursivo Coudry (1986/1988). Coudry (1986/1988) compara o funcionamento da linguagem dos afásicos a uma imagem mostrada em *câmera lenta*, na qual é possível apreender aspectos de sua composição que não poderiam ser percebidos na dinâmica e velocidade normais. A afasia *quebra* ou *dissocia* o que, em princípio, está integrado; o que é *indissociável* no funcionamento normal da linguagem.

Há uma variedade imensa de formas de afasias, cada uma delas relacionada aos modos como os desarranjos ocorrem no funcionamento da linguagem, como cada nível linguístico é impactado e como isso se dá na relação com os demais níveis. Vários fatores que contribuem para a variedade de sinais (ou sintomas) e para a organização desses sinais em *síndromes* (ou categorias) – dentre os quais a *etiologia* (a causa do episódio neurológico), a extensão da lesão e a área do cérebro que foi lesada. Na grande maioria dos casos, o episódio neurológico afeta também áreas cerebrais responsáveis pela atividade motora, alterando os movimentos da metade contralateral no corpo (hemiplegias); isto é, se um derrame ou trauma ocorrer no hemisfério cerebral esquerdo, o hemisfério direito será

comprometido, em graus diversos, e vice-versa. Dependendo da severidade (relativa à extensão da lesão cerebral), o sujeito poderá ter dificuldades em realizar atividades que exijam coordenação motora fina, como as de escrita ou de gestos simbólicos Santana (2005).

Os sujeitos afásicos enfrentam as mais diversas dificuldades nas situações cotidianas, principalmente quando precisam se comunicar pela linguagem verbal. Grande parte das frustrações decorrem da chamada “dificuldade de encontrar/selecionar palavras”, que se refere ao momento em que a palavra desejada não vem ou vem outra em seu lugar. Esse quadro leva, em geral, a sentimentos de ansiedade e muitos chegam a ficar deprimidos. É recorrente que o afásico diga: “Eu não consigo falar” ou “Eu não sei”, às vezes apontando, com gestos, a boca ou a cabeça para se referir ao que o que aconteceu no cérebro, que está impedindo ou dificultando a comunicação Novaes-Pinto (2014).

Como será apresentado no próximo item, há atividades interdisciplinares que podem ser realizadas no âmbito do trabalho em grupo, com foco em processos linguístico-cognitivos, por meio de práticas efetivas de linguagem e com o auxílio de diversas formas de arte (trabalhos manuais, dança, dramatizações). Essas atividades visam ajudar os afásicos a melhorar as competências linguísticas e cognitivas (atenção, percepção, memória) de forma que possam significar -alcançar seu querer-dizer- cf. Bakhtin (1997), pela linguagem não-verbal (gestos, expressões fisionômicas, desenhos etc.).

2. O Centro de Convivência de Afásicos: práticas efetivas de linguagem

O CCA nasceu de um convênio firmado em 1989 entre o Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) e o Departamento de Neurologia da Faculdade de Ciências Médicas (FCM) da UNICAMP. O objetivo foi, desde o início, acompanhar pessoas afásicas na convivência com pessoas não-afásicas, em diversas situações e práticas discursivas de linguagem Coudry (1986/1988). Os afásicos que frequentam os grupos do CCA^{II}, em geral, são encaminhados por profissionais do Hospital das Clínicas (FCM/UNICAMP): neurologistas, neuropsicólogos, fonoaudiólogos e psicólogos ou por profissionais de outras instituições que conhecem o trabalho desenvolvido no IEL. Muitos, entretanto, nos procuram por indicação das famílias ou dos amigos de afásicos que frequentam ou já frequentaram o nosso centro de convivência.

As reuniões do Grupo III do CCA são divididas em três momentos. Na primeira parte, que referimos como “sessão coletiva”, trabalhamos com práticas efetivas de linguagem, que colocam em interação afásicos e não-afásicos. Essas práticas, em contextos sociais significativos norteiam também os atendimentos individuais. Uma parte da sessão coletiva sempre é dedicada às narrativas, sejam elas autobiográficas (o que o sujeito fez ao longo da semana, se teve algum evento importante na família, se viajou etc) ou a respeito de notícias da semana (eventos esportivos, políticos, econômicos, sobre o tempo, dentre outros), em diversos gêneros discursivos: notícias, gráficos e tabelas, editoriais, charges etc.

O discurso narrativo é um dos mais preservados nas afasias, mesmo nas mais severas Cazarotti-Pacheco (2012), Novaes-Pinto (2012) e Cazarotti-Pacheco & Novaes-Pinto (2010). Ao narrar, o sujeito não só reorganiza a linguagem (*como* vai contar, escolhendo as palavras mais adequadas, os tempos verbais, os advérbios de tempo e lugar, etc), mas também reorganiza as suas memórias (ou *lembranças*) Beilke (2007, 2010).

Os relatos dos afásicos sobre situações que tiveram que enfrentar, por meio da linguagem – no médico, na perícia, no supermercado, numa festa, dentre outras – são extremamente benéficos para o grupo, mesmo que os narradores não tenham sido bem sucedidos o tempo todo; ou seja, que os interlocutores não tenham compreendido os detalhes desses relatos. Os outros sujeitos (afásicos e não-afásicos) podem dizer o que fariam naquela situação, como reagiriam, o que pensam a respeito. Esse tipo de atividade, portanto, convoca o afásico a argumentar, comentar, dar sua opinião sobre temas atuais. Colocar-se no lugar do outro ajuda o sujeito a redimensionar suas próprias dificuldades e isso, como consequência, reduz a ansiedade causada pela afasia.

Em um segundo momento, com o objetivo de integrar melhor o grupo (afásicos e não-afásicos), temos o intervalo para o café. Todos os sujeitos são envolvidos na preparação da mesa, dos alimentos, de forma que se torna também uma atividade relevante de uso social da linguagem, em contexto significativo e rico de interação verbal e não-verbal. No terceiro momento, são realizados os atendimentos individuais, durante os quais são trabalhadas necessidades, limites e potencialidades específicas de cada um dos sujeitos.

Diversas atividades do dia-a-dia podem ser representadas/encenadas nas reuniões do grupo ou nos atendimentos individuais: falar ao telefone, apresentar-se em reuniões, pedir informações, exigir direitos etc. Tais situações recriam cenas enunciativas do cotidiano, de grande valor para o trabalho com a linguagem e para a vida dos sujeitos. Há jogos (didáticos ou de entretenimento) disponíveis no mercado que podem ser usados para desenvolver essas atividades. As que envolvem a encenação são enriquecedoras em todos os sentidos. Muitos afásicos (e também não-afásicos) nunca tiveram experiências com o teatro, por exemplo. Atuar em uma cena pode ter um efeito terapêutico, pois afasta o sujeito de sua própria condição e o recoloca em outro cenário, sob outra pele. Santana, Novaes-Pinto & Oliveira (2015).

Para desenvolver a atividade gestual, de forma lúdica, há também jogos de adivinhação – em que um sujeito tenha que representar um objeto ou uma ação para o grupo, utilizando-se de mímicas ou dando algumas de suas características, sem utilizar a linguagem verbal. Os sujeitos afásicos percebem que a linguagem verbal é apenas uma das possibilidades de significação e que, quando comprometida – mesmo que de forma muito severa – ainda é possível negociar aquilo que pretendem dizer, por meio de linguagem não-verbal – com gestos, apontando para objetos, para a fala do outro, recorrendo à escrita, apontando para o seu interlocutor para sinalizar que concorda ou discorda de um argumento, dentre outras formas.

O trabalho com a música promove também o desenvolvimento de recursos alternativos. Discute-se, no grupo, sobre os cantores que os afásicos gostam, seleciona-se as músicas. A letra da música pode ser projetada no telão, para que os afásicos acompanhem. O grupo é convidado

a cantar, a acompanhar os ritmos musicais. Caso alguém toque violão, deve-se incentivar o uso do instrumento. Além de trabalhar as questões linguísticas e vocais, também se pode modificar os sentimento do afásicos como “não falantes”. Muitas vezes, o afásico não consegue realizar uma produção espontânea de fala, mas consegue acompanhar grande parte das letras da música. Isso lhe dá a possibilidade de voltar a “ser falante”, condição importante para o exercício da subjetividade.

Num grupo de afásicos, pode haver sujeitos que, antes do episódio neurológico, desenvolviam atividades artísticas de diferentes naturezas. É importante incentivar que eles voltem a se relacionar com o campo das artes, mesmo que tenham que se adaptar. Afasias motoras, com a presença de apraxia ou hemiplegia, podem dificultar substancialmente a realização de atividades com instrumentos musicais ou com a pintura, dentre outras. Pode-se incentivar que alguém que tocava um instrumento de corda, por exemplo, passe a tocar um instrumento de percussão. Quem pintava com a mão direita um determinado estilo, pode utilizar a mão esquerda e passar a um estilo mais abstrato, de forma que continue expressando sua criatividade artística por meio da pintura. Há muitos exemplos de sujeitos que deram outro sentido à vida a partir do momento em que passaram a se expressar pela arte, depois de se tornarem afásicos. Santana, Novaes-Pinto & Oliveira (2015).

Gostaríamos de mencionar um último exemplo que reflete o trabalho desenvolvido pela equipe interdisciplinar do Grupo III do CCA e que ilustra a sua influência na reorganização dos processos linguístico-cognitivos, sobretudo restaurando a subjetividade e melhorando a qualidade de vida dos afásicos. O indivíduo mais idoso do grupo, AC, que em breve completará 80 anos de idade, nunca tinha tido contato com atividades artísticas até pouco tempo atrás. Resistia, no início, a qualquer tentativa dos profissionais de inseri-lo em trabalhos manuais e apenas olhava timidamente para os demais membros do grupo enquanto trabalhavam. Aos poucos, AC começou a participar ativamente das propostas e passou a trazer, de casa, verdadeiras obras de arte, feitas com chapas de alumínio ou madeira. No início, as peças foram feitas a partir de moldes retirados da internet e impressos pelas estagiárias do CCA e depois de um curto tempo eram talhadas “de sua própria cabeça”(SIC). Em uma das sessões coletivas do CCA, ele contou para o grupo que às vezes demorava bastante para “pegar no sono” porque fica pensando no “passo a passo” da construção de suas esculturas.

As atividades devem ser planejadas em equipe e devem ter objetivos claros. Esses profissionais das diversas áreas, no início do trabalho, devem ser esclarecidos acerca das afasias – das dificuldades e limites de cada um dos sujeitos. Devem compreender quais são as dificuldades de produção e compreensão de cada um deles e como podem, em uma equipe interdisciplinar, contribuir para o desenvolvimento de recursos alternativos de significação.

Para dar visibilidade à metodologia que guia nosso trabalho, sobretudo à sua natureza dialógica, apresentamos a seguir um dado de episódio com o sujeito MSⁱⁱⁱ, durante atividade realizada no CCA. No dado se evidencia a dificuldade para encontrar a palavra desejada e o processo de sua busca.

Contexto de produção: Irn mostra a MS a figura de uma pirâmide e lhe pede que diga o que está no desenho.

Inter-locutor	Enunciados	Observações quanto à produção
MS	Hum...	Aponta para a figura
MS	Tchã nã na nã...	Começa a se movimentar, como se estivesse dançando
MS	Ah... é... a... não... i... múmia ... não	Aponta para a cabeça (Risos)
Irn	Tem a ver com múmia, mas... tão todos no mesmo filme... mas só vem "múmia"	
MS	[isso	MS fala junto com Irn
Irn	Quando tem isso aí por perto	Referindo-se à <i>pirâmide</i>
MS	es-fin-ge	MS fala a palavra, silabando
Irn	Não! Super interessante o que você está fazendo... múmia, esfinge...	Irn folheia o livro do teste de nomeação
MS	mu-mi-a	
Irn	Não	
MS	Não... não...	Aponta para a figura da esfinge que Irn acaba de mostrar
Irn	O que você falou? Você tinha falado múmia e...	Esperava que ele repetisse "esfinge"
MS	Isso... isso... e... es-finge	
Irn	Esfinge, isso...	
MS	é... ah...como chama aí?	Irn volta a mostrar a figura da pirâmide
Irn	As ta-rã-rã do Egito	Fornecendo um <i>prompting</i> estendido, um <i>frame sintagmático</i>
MS	as... as... quatro múmias do Egito...	(Risos)
Irn	Tá falando de algum filme, por acaso?	(Risos)
MS	é... é... ai	(Risos)
Irn	Eu sou louca pra ir ao Egito pra ver as ...	Oferecendo outro <i>prompting</i> , desta vez um contexto frasal, para que ele apenas complete.
MS	a... não... cataratas não...	(Risos)
MS	a... não...	MS aponta para a figura e coloca a mão na cabeça
Irn	As pi...	Dando, desta vez, um <i>prompting fonético</i>
MS	As pi-râ-mi-des	Silabando a palavra

Irn	Ok. Que coisa incrível, né? Esfinge, múmia, vem tudo...	
MS	Tudo no mesmo filme!	

No dado ocorrem pelo menos duas parafasias semânticas^{iv}. MS se refere à figura da “pirâmide” como “múmia” e, posteriormente, como “esfinge”. Opera, portanto, dentro do mesmo campo semântico. A interlocutora, na tentativa de oferecer uma pista para evocar a palavra *pirâmide*, diz: *as “tararã” do Egito*, ao que ele responde: *as quatro múmias do Egito*. Dá uma nova pista, quando diz: *Eu sou louca para ir ao Egito para ver as ...* e ele produz *cataratas*, lembrando, talvez, do sintagma “as cataratas do Iguaçu”, o que permite inferir sobre outros campos semânticos entrelaçados. Vemos que MS só produz a palavra *pirâmide* quando a pista fonética *pi* é dada.

A análise evidencia as vantagens da perspectiva metodológica qualitativa e dialógica para a compreensão dos processos subjacentes às dificuldades dos sujeitos afásicos e revela marcas de subjetividade (coordenadas sócio-histórico-culturais). Embora a atividade de nomeação seja em princípio, de caráter metalinguístico, foi desenvolvida dialogicamente. Ao invés de nos determos na análise de palavras isoladas e de sentenças (ou de orações), nos centramos na análise do *enunciado*, tal qual definido por Bakhtin (1929/1997), como a *unidade real da comunicação*.

As análises dos dados de sujeitos com afasias, orientadas pela Neurolinguística enunciativo-discursiva Coudry (1986/1988, 2002), Freire (2005), Novaes-Pinto (1999), Fedosse (2008), [dentre outros] nos levam, antes de mais nada, a observar o que está presente nos enunciados dos sujeitos e não apenas aquilo que foi omitido. Esta é uma premissa que todo o trabalho realizado no CCA e que se constitui como uma alternativa à clínica tradicional de linguagem no contexto das afasias.

Sintetizando o que apresentamos até aqui, podemos afirmar que o trabalho realizado cumpre um importante papel social: o de contribuir para que os sujeitos enfrentem as dificuldades impostas pelas afasias. Essas práticas anteriormente descritas demandam que os afásicos leiam, comentem e se posicionem ativamente como *sujeitos sociais e da linguagem*. O fato de serem inseridos em um grupo de pessoas que apresentam dificuldades semelhantes às deles contribui para que possam compartilhar suas angústias, além de desenvolver estratégias para enfrentar suas dificuldades. Deve-se levar em conta que as interações entre os sujeitos estão relacionadas com os lugares e as posições sociais historicamente construídos e têm implicações diretas nos processos discursivos que ocorrem no grupo Santana, Novaes-Pinto & Oliveira (2015).

As atividades planejadas e realizadas no CCA promovem efeitos terapêuticos, tanto para a reorganização da linguagem e dos demais processos cognitivos (por exemplo, atenção, percepção e memória), como para a qualidade de vida de todos os sujeitos envolvidos no trabalho: os próprios afásicos – comunidade que é o principal alvo de todas as ações do CCA –, mas também seus cuidadores, à medida que os sujeitos se solidarizam e percebem que as dificuldades que têm são enfrentadas por outros indivíduos, muitas vezes de forma ainda mais grave. Assim, são sempre estimulados a reagir positivamente frente à afasia.

O grupo é um espaço social, de acolhimento e de pertencimento, no qual o afásico pode colocar-se discursivamente. Essa interação potencializa situações interpessoais que ampliam as possibilidades de troca e de práticas significativas de linguagem. A intervenção favorece situações próximas às práticas sociais cotidianas. É no grupo, muitas vezes, que eles conseguem ocupar seu lugar de *falante*, onde podem se colocar sem preconceitos ou discriminação. As dificuldades os aproximam; os tornam “iguais”, na diferença. O grupo se constitui como um “microcosmo” das outras esferas sociais, dada a sua heterogeneidade e variedade de atividades propostas.

Consideramos também relevante, como resultante dessa atividade de extensão, a formação dos alunos e desenvolvimento de todos os profissionais que participam das sessões, além do retorno para a pesquisa e para o ensino na área de Neurolinguística Novaes-Pinto (2015)^v.

4. Aspectos éticos da pesquisa em Neurolinguística e do trabalho realizado no CCA

Para finalizar este artigo, nos referimos aos aspectos éticos relevantes em nossa reflexão, já que trabalhamos com sujeitos em sofrimento. Segundo Bakhtin (2010), a “ética é um conjunto de obrigações e deveres concretos, sendo que o ato de pensar é o mais fundamental compromisso humano”. A esse respeito Novaes-Pinto (2011, p. 976) diz que essa afirmação nos move, enquanto pesquisadores e

desloca-nos de posições possivelmente mais cômodas. Nesse sentido, podemos afirmar que “acomodar-se” em uma forma de pensar, repetindo o que se faz numa certa abordagem teórico-metodológica, ou porque é mais aceita numa comunidade científica, ou porque tem mais prestígio - não pode ser considerado ético, nem tampouco responsável. (Novaes-Pinto, 2011, p. 976).

Segundo Freitas (1997), Vygotsky e Bakhtin são autores que romperam com a positividade de seu tempo, inaugurando uma forma de fazer ciência, onde tem lugar o ético, o estético e o afetivo; autores que não se detêm em uma forma monológica de ciência. Segundo a autora:

Eles vão mais além numa proposta dialógica de ciência, em que o que se quer obter é compreensão. O homem não pode ser explicado como fenômeno físico, como coisa, mas sendo pessoa, tem que ser compreendido em suas ações. Uma compreensão ativa que propõe o encontro de dois sujeitos, que tendo voz se encontram no diálogo. O objeto das ciências humanas é o ser expressivo e falante. Este ser jamais coincide consigo mesmo e por isso é inesgotável em seu sentido e importância (...) (Freitas, 1997, p. 316).

Sobral (2005), quando se refere à ética na pesquisa em Ciências Humanas, tendo a teoria bakhtiniana como base, afirma que o empreendimento teórico que esquece as especificidades do objeto, sua singularidade, sua inserção particular é teoreticista e absolutista. Nas

palavras do autor, “um trabalho que propõe encerrar o objeto na camisa-de-força da teoria, ou das limitações do pesquisador, não é propriamente pesquisa, mas prática relativista que só vê no espelho do outro aquilo que ele mesmo lá inseriu” (Sobral, 2005, p. 115, apud Novaes-Pinto, 2013, p. 976).

A Neurolinguística tradicional pode ser tomada como um exemplo do que o autor chama de *postura teoreticista*, uma vez que descarta das análises justamente as singularidades, o sujeito, o individual, em nome de modelos generalizantes e abstratos. A linguagem é reduzida a unidades da “língua” – como *palavras* e *orações* – que também passam a orientar o trabalho terapêutico.

Fechamos o texto deste artigo considerando que essas questões implicam em

uma mudança substancial com relação aos procedimentos metodológicos de avaliação e de acompanhamento terapêutico na reconstrução dos processos de significação pelos sujeitos afásicos – o que por sua vez contribui para uma teorização baseada em princípios novos, que valoriza outras formas de razão científica. Nas palavras de Faraco (2009), “estabelecer, num mundo dominado pelo pensamento científico, um espaço para outra racionalidade”. Trata-se, portanto, de uma escolha e, como tal, devem ser consideradas todas as implicações que derivam de nosso ato, pois, segundo Bakhtin (2010), por ele devemos responder sem álibi (Novaes-Pinto, 2011, p. 979)

Referências Bibliográficas

- ALKMIN, T. Sociolinguística. In Introdução à Linguística: domínios e fronteiras. São Paulo: Ed. Cortez; 2001.
- BAKHTIN, M. Estética da Criação Verbal. São Paulo. Martins Fontes; (1997).
- BAKHTIN, M. Para uma filosofia do ato responsável. São Carlos: Pedro & João Editores; 2010.
- BEILKE, H. Considerações sobre a relação linguagem-memória, à luz da análise linguística dos enunciados de sujeitos com diagnóstico de Demência de Alzheimer. In Língua, Literatura e Ensino, Vol. II, Anais do SEPEG (edição eletrônica), IEL/UNICAMP; 2007
- BEILKE, H. Avaliação de linguagem na Demência de Alzheimer. Dissertação de Mestrado. [Mestrado em Neurolinguística] Instituto de Estudos da Linguagem. UNICAMP. Inédita; 2010.
- CAZAROTTI-PACHECO, M. O Discurso narrativo nas afasias. Tese de Doutorado. Inédita. [Doutorado em Neurolinguística] Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, S.P. 2013
- COUDRY, M.I.H. Diário de Narciso – discurso e afasia. Campinas, S.P Martins Fontes. IEL/UNICAMP; (1988)
- LURIA, A. R. Pensamento e Linguagem: As últimas conferências de Luria. São Paulo, SP: Ed. Artmed; 1987.
- LURIA, A.R. Neuropsychological studies in aphasia. Sweets & Zeitlinger Amsterdam B. V; 1977
- MANCOPE, R. & SANTANA, A. P. (Orgs). Perspectivas na clínica das Afasias: o sujeito e o discurso. São Paulo: Editora Santos, 2009.
- NOVAES-PINTO, R.C. Preconceito linguístico e exclusão social no

envelhecimento e nas patologias de linguagem. Revista Avesso do Avesso. Vol. 5, p. 8–36; 2008

NOVAES PINTO, R. C. A social-cultural approach to aphasia: Contributions from the work developed at a center for aphasic subjects. In U. Tan (Ed.), Latest findings in intellectual and developmental disabilities research (pp. 219–244). Rijeka: InTech; 2012

NOVAES-PINTO, R. C. Cérebro, linguagem e funcionamento cognitivo. Revista Letras de Hoje. PUC, R.S; 2012

NOVAES-PINTO, R. C. Bakhtinian ethics in the light of contemporary problems: Ponzio and The Art of Listening. In Writing, Voice, Undertaking. Legas. Toronto. Canadá, 2013.

NOVAES-PINTO, R. Funcionamento semântico-lexical: inferências a partir do estudo das afasias. Projeto de Pesquisa (Bolsa de Produtividade). CNPq. 2014

NOVAES-PINTO, R. Centro de Convivência de Afásicos (CCA): o trabalho com a linguagem por uma equipe multidisciplinar e seus efeitos terapêuticos. Projeto de Extensão (PEC/PREAC). Universidade Estadual de Campinas. 2015

NOVAES-PINTO & SANTANA, A. P. Semiologia das afasias: implicações para a clínica fonoaudiológica. In MANCOPE, R. & SANTANA, A. P. (Orgs). Perspectivas na clínica das Afasias: o sujeito e o discurso. Cap. 2. 18-40. S.Paulo: Editora Santos; 2009

PACHECO, M. C.; NOVAES-PINTO, R. C. Aspectos discursivos da narrativa de um sujeito afásico fluente. In: Estudos Linguísticos São Paulo, v. 39, p. 568-577; 2010

SANTANA, A. P. Escrita e Afasia. São Paulo: Editora Plexus; 2005.

SANTANA, A. P.; NOVAES-PINTO, R.; OLIVEIRA, M. V. PTF- Plano Terapêutico Fonoaudiológico com Grupos de Afásicos. Pró-Fono; 2015.

SOBRAL, A. Ético e estético: na vida, na arte e na pesquisa em Ciências Humanas. In: BRAIT, B. (Org.) Bakhtin: conceitos-chave. São Paulo: Editora Contexto, 2005.

SOUZA-CRUZ, T. C. Em briga de marido e mulher, ninguém mete o garfo: estudo discursivo da produção de parafasias literais e semânticas. Dissertação de Mestrado. Inédita. [Mestrado em Neurolinguística] IEL. UNICAMP; 2013

VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VYGOTSKY, L. S. Pensamento e linguagem. São Paulo: Martins Fontes; 1987.

ⁱ Coudry (1986/1988), docente do IEL, fundou a área de Neurolinguística na UNICAMP, tendo realizado, desde o início, um trabalho com grupos de sujeitos afásicos.

ⁱⁱ Existem, no momento, três grupos em atividade. Os dados apresentados neste trabalho se referem ao Grupo III, que teve início em 2006, e funciona às terças-feiras das 8 às 12 horas, abrigando também o *Estágio em Afasia*, disciplina do curso de Fonoaudiologia (FCM/UNICAMP).

ⁱⁱⁱ **MS** é a sigla relativa ao sujeito afásico; **Irn** é relativa ao interlocutor não-afásico.

^{iv} Parafasias são trocas ocorridas entre uma palavra (ou fonema) pretendida(o) e aquela(e) produzida(o). A literatura neuropsicológica geralmente apresenta uma dicotomia entre parafasias lexicais e semânticas. Parafasias lexicais seriam aquelas palavras produzidas sem aparente relação semântica com a palavra-alvo (por exemplo, palavras com sons parecidos). Já as parafasias semânticas seriam aquelas em que é evidente a relação entre os significados das palavras produzidas e palavras-alvo (SOUZA-CRUZ, 2013).

^v As pesquisas sobre as afasias desenvolvidas pela equipe que atua no Grupo III do CCA são abrigadas pelo GELEP (Grupo de Estudos da Linguagem no Envelhecimento e nas Patologias), cadastrado na Plataforma Lattes/CNPq.